

“TODO MUNDO BRINCA, TODO MUNDO INVADE, O URUBU CHEIROSO É PRA QUALQUER IDADE”: DANÇAS, MARCHINHAS E FESTAS NO “BLOCO URUBU CHEIROSO” (BRAGANÇA-PA)

Alexandre **de Brito Alves**¹

1. Introdução

Esta pesquisa iniciou em 2013, no momento servia enquanto nota avaliativa à “Disciplina Estágio Supervisionado IV”,² sob a coordenação do professor e historiador Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva. Na ocasião a temática a nós sorteada em classe foi algo relativo a cultura imaterial em Bragança-PA.³ Depois de muitas conversas e reflexões, sugerimos enquanto campo a ser estudado o bloco “Urubu Cheiroso”, muito conhecido na cidade por agregar grande número de brincantes no período do carnaval. A marcha do bloco, por ruas da urbe em tela, é realizada um dia antes do carnaval oficial. Ele não desfila em conjunto com os outros blocos da cidade, o fazendo no dia anterior ao desfile geral.

O “Urubu” também segue outro percurso em relação aos outros blocos de Bragança, saindo da praça da Aldeia (às proximidades do Campus da Universidade Federal do Pará) em direção à orla da cidade. Os outros grupos desfilam na Avenida Nazeazeno Ferreira, rua mais movimentada de Bragança⁴.

Os participantes do “Urubu Cheiroso” são universitários, membros das classes média e populares. Por movimentar atores sociais de variadas idades (adultos, adolescentes e crianças), consideramos compreendê-lo enquanto parte do patrimônio imaterial de Bragança; pois, segundo Morales (2008), este

¹ Universidade Federal do Pará, Brasil.

² Disciplina obrigatória na Grade Curricular do Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Pará (UFPA).

³ Município localizado no Nordeste do Estado do Pará, a 210 km da capital (Belém). Sua população é de 113.165 habitantes. Constituída por 57.244 homens e 55.921 mulheres, sendo 40.570 a população rural e 72.595 a população urbana. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010).

⁴ A Prefeitura Municipal de Bragança organiza, em 28 de fevereiro, uma grande festa na Avenida Nazeazeno Ferreira, quando os blocos de rua desfilam perante à plateia.

Se constituye a través de un conjunto de procesos y prácticas que se transmiten y enriquecen de generación en generación. Por ende su existencia actual es producto de un conjunto de variaciones y aprendizajes en el tiempo y el espacio de cada generación, y es mucho más frágil respecto a los rápidos cambios que traen consigo los procesos de globalización y transformación social (Morales, 2008: 03).

Assim sendo, compreende-se patrimônio imaterial como parte das manifestações culturais das comunidades, tais como músicas, danças e “lendas” (folclores); crenças e práticas que são transmitidas de geração a geração através dos rituais cotidianos e da educação oral, e que compõem, desta forma, a identidade cultural dos povos.

Em Bragança tivemos a intenção de identificar o significado histórico e social que tem o “Urubu Cheiroso” nas anuais manifestações carnavalescas na cidade, uma vez que a saída do bloco é uma “tradição” no carnaval local. Para isso esforços em conjuntos foram feitos objetivando compreender por que o bloco ganhou notoriedade e grande aceitação pela sociedade bragantina?

Portanto, as pesquisas consistiram em ‘buscar’ fontes que permitisse constatar as relações de força e poder no campo político e social que conduziram a fundação do bloco e como este conquistou aceitação e representatividade no âmbito da sociedade local, sendo, pois, manifestação recorrente no período de carnaval. Destarte, no estudo buscamos analisar e comparar os fenômenos culturais ligados à realidade bragantina, em tal caso, de que maneira as ações que permitiram a criação do bloco interligam-se com fatores decorrentes da cultura nacional, a saber, o carnaval, manifestação que segundo Delgado (2012) é um elemento que compõe a identidade nacional.

Com efeito, na pesquisa, o primeiro momento foi manter contato com pessoas que participaram da fundação do bloco. Pensamos ser isso essencial para compreender as tramas e as rebeldias políticas que levaram à criação do “Urubu Cheiroso” no início da década de 1990. Para isso, buscamos identificar quem foram os atores sociais envolvidos e como eles entreteram a festa popular.

Ressalta-se que durante a pesquisa não nos preocupamos somente em investigar as razões que conduziram à fundação do “Urubu Cheiroso”, por outro lado, interessou-nos, também, reiterar o sentido cultural que este tem para os brincantes do carnaval que, anualmente, saem pelas ruas de Bragança fantasiados ou não, pulando, dançando, cantando, enfim, “invertendo a ordem cotidiana” (Da Matta, 1997). Embora, ao citado autor, essa inversão seja apenas sazonal, haja vista que, ao término da festa, o universo social volta a ter sua ordem novamente, com suas hierarquias e desigualdades. Burke

(2010 *apud* Palmeira 2014), considera o carnaval uma festa popular que tem como função o divertimento do povo, sendo; pois, “a fuga de uma rotina enfadonha de trabalhos e compromissos, uma válvula de escape, a chamada festa de inversão”.

No que se refere aos caminhos necessários ao processo histórico de difusão do bloco como parte da cultura imaterial da cidade em foco, nossos esforços intelectuais desdobraram-se em identificar dois períodos elementares de sua história. O primeiro consistiu em analisar as razões que conduziram a fundação do bloco em 1992. Para estes propósitos foi necessário entender os jogos de força e poder dinamizadas pelos sujeitos sociais que o criaram, destarte, interrogamo-nos sobre quem foram tais “inventores”? E quais suas pretensões ao o criar? Buscamos, desse modo, respostas plausíveis sobre a função da festa, pois é possível argumentar, com base nas análises das entrevistas com pessoas que participaram desse momento de - tensão e transgressão da ordem - que o surgimento desta contravenção social está diretamente ligado às concepções políticas dos envolvidos em sua “fundação”.

O segundo ponto foi analisar a dimensão social que um bloco, pensado por jovens estudantes, ganhou, com o passar dos anos, no âmbito de parte da população bragantina. Inicialmente a maioria dos integrantes era formada por habitantes e estudantes no Bairro da Aldeia, entretanto, posteriormente, moradores de outros confins e de outras cidades outrossim passaram a participar da festa popular.

Assim, porquanto, o movimento inicialmente constituído por universitários e outros integrantes, pouco a pouco foi agregando pessoas não ligadas ao meio acadêmico, de modo que inseriram-se no rito novos participantes, que, conseqüentemente, modificaram as formas iniciais da festa, proporcionando a ela maior volume.

Com efeito, o trabalho teve a pretensão de analisar por que o bloco se tornou um ritual importante a se entender a cultura imaterial de Bragança, uma vez que o “Urubu” ganhou notoriedade entre as diferentes camadas sociais e atualmente é uma manifestação essencial nas festas carnavalescas na cidade em pauta.

2. Procedimentos metodológicos

Os caminhos metodológicos aos resultados deste estudo consistiram em etapas seguintes: a) procuramos manter contatos com pessoas que fundaram e que participam do “Urubu cheiroso”. Demos primazia aos que ainda residem em Bragança, à medida que pressuponhamos que muitos de seus primeiros participantes, pelo curso dos anos passados, não mais residem na cidade. No que pese aos moradores em Bragança, matemos contatos com dois destes, quais sejam os Senhores: Adalberto e Reginaldo.

Inicialmente não realizamos entrevistas, apenas mantemos conversas prévias, nas quais elucidamos os motivos e intenções de nossas pesquisas e se havia a possibilidade de entrevistarmos-los noutros dias; b) também marcamos entrevistas com duas pessoas que não estiveram envolvidas no início da criação do bloco, mas que comumente dele participam e o organizam; c) após os primeiros contatos com os interlocutores formulamos perguntas estruturadas aos mesmos, dirigimo-nos às suas residências e realizamos entrevistas. Os materiais usados foram três celulares pessoais, onde foram feitas gravações de áudio e vídeo. Feito isso, fizemos as transcrições dos documentos para usá-los como fontes à problemática do projeto. Tudo feito em concomitância com as leituras bibliográficas referentes ao carnaval brasileiro e sua importância à identidade nacional; e também como domínio de manutenção e/ou questionamentos da ordem vigente.

Em fevereiro de 2017, com propósito de escrever um ensaio sobre o assunto, retornei a campo, agora sem a companhia das colegas,⁵ uma vez que o curso de historiografia encerrou em 2014. Neste retorno ao assunto realizei observação participante, com o propósito de notar de que maneira decorre a festa.

3. Carnaval e cultura brasileira

Antes de adentrar na discussão em torno do “Urubu Cheiroso” como parte da cultura imaterial de Bragança, é importante se fazer um debate em torno da relevância do carnaval como parte da cultura da sociedade brasileira, pois este, em suas diversas vertentes, é uma das principais expressões populares nacionais. Para Delgado (2012) esta manifestação social, mais do que um festejo ou feriado, constitui um dos basais

⁵ Agradeço a Karine Fafaele, Hilma Lena e Ivoneide Sousa pelo auxílio na pesquisa, em 2014.

artefatos da identidade nacional. Deste modo, à referida autora, não há consenso, entre os estudiosos do assunto, acerca das origens do carnaval brasileiro, todavia, ela salienta que os pesquisadores da temática apontam que as festividades carnavalescas europeias, principalmente as realizadas em Paris, Veneza e o entrudo em Portugal, influenciaram a constituição histórica do carnaval nacional. Existem também aqueles que argumentam que a festa surgiu com a chegada da corte portuguesa, ou seja, foram as comemorações que os colonos “fizeram para celebrar a chegada dos portugueses chamada ‘mela-mela’, que deram origem ao carnaval no Brasil” (Delgado, 2012: 43).

No caso do entrudo, este era realizado do sábado gordo⁶ à quarta-feira de cinzas, e consistia em práticas de jogos entre famílias do mesmo nível social, e “aos escravos, não era permitido jogar água ou farinha em homens livres, mesmo que fossem negros. E, aos homens livres, só era permitido tal prática desde que o escravo não fosse seu, mais pertencente a algum familiar ou amigo (Souza, 2006: 12).

De acordo com Almeida (2013) o carnaval chegou ao Brasil no século XVI e o foi trazido pelo português. Naquela época a festa carnavalesca mais praticada era entrudo, praticado principalmente nas grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. Na interpretação de Santos (2012), antes do carnaval se estabelecer no Brasil como prática recorrente, o entrudo havia se disseminado e reinava sozinho no período colonial. Não obstante, no século XIX, as festas (entrudos) passaram a vivenciar muitas transformações, pois “as festividades similares a folguedos, que compunham as comemorações do carnaval, instalaram-se por toda parte do país” (Santos, 2012: 04).

Segundo Almeida (2013), o entrudo foi trazido ao Brasil pelos portugueses e este era “um antigo jogo que consistia em jogar água, farinha e outras substâncias nas pessoas” (Almeida, 2013: 15). Essa prática era frequente entre os populares no período da Colônia à República. Por ser considerada desordeira e violenta foi proibida no Estado do Rio de Janeiro em algumas ocasiões (Almeida, 2013).

Na interpretação de Souza (2006), o carnaval brasileiro historicamente divide-se em três fases, a saber: o entrudo que ocorreu da época colonial ao século XIX, prática dominada por famílias e grupos vizinhos; a segunda, de 1870 a 1930, caracterizou-se pelo Carnaval Veneziano ou Burguês, e a terceira ocorreu a partir de 1930 com o advento do Carnaval Popular. Getúlio Vargas e seus apoiadores, que presidiram o Brasil

⁶ O sábado gordo faz parte do Dia dos Gordos que, “segundo a tradição católica, são os três dias que antecedem a quarta-feira de cinzas (primeiro dia da Quaresma no calendário cristão ocidental), os quais são celebrados o Carnaval” (Souza, 2006: 12).

de 1930 a 45, tiveram papéis importantes na popularização do carnaval nacional, porque argumentavam em favor da constituição de uma identidade brasileira, sendo a festa em cataloga considerada parte essencial naquele propósito.

Com efeito, independentemente de qual seja sua origem, é fato que o carnaval se tornou uma (se não a mais) das maiores festas populares do Brasil, tendo, inclusive, propiciado ao Brasil no imaginário internacional como sendo este o “país do carnaval e do futebol”, porquanto, estes, passaram a ser considerados elementos indissociáveis da cultura e da identidade nacional.

No século XX o carnaval passou por muitas transformações com a inserção de desfiles de escolas de samba, de blocos e da inclusão de novos ritmos e músicas. Em sua dissertação de mestrado, Almeida (2013) analisou que, nas décadas de 1920 e 30, o carnaval no Rio de Janeiro passou por modificações em suas práticas com o aparecimento de desfiles e de competições entre as escolas de samba, muitas em decorrência da mobilização dos atores sociais envolvidos com essa atividade, porque estabeleceram contatos com a imprensa e com os setores públicos à época. As propagandas do carnaval como cultura nacional pelo governo varguista ajudaram a valorizar e popularizar tal festa.

Na análise de Brito (2005), o carnaval é um momento privilegiado para se identificar as práticas de sociabilidades e os múltiplos sentidos que condicionavam a sociedade a que pertencem seus participantes, pois este possibilita momentos para observações dos diálogos e tensões decorrentes dos universos simbólicos dos mundos dos sujeitos envolvidos na festa. A citada autora compreende que o carnaval deve ser perspectivado não apenas como fenômeno popular, mas social, porque é o momento onde membros de toda a sociedade se expressam, independentemente da classe socioeconômica a que pertencem.

Um aspecto elementar no que pese às festas *carnavalescas* diz respeito às suas interações com a ordem social, ou seja, se as mesmas questionam ou se apenas reproduzem a ordem vigente? Da Matta (1997), a respeito desta questão, considera o carnaval como uma inversão da ordem cotidiana pelas massas, contraversão esta que ocorre de maneira espontânea, não planejada. Ao antropólogo as fantasias utilizadas pelos brincantes revelam as distinções sociais dos indivíduos no meio social, altivezes que estão presentes em seus cotidianos, inobstante, ocultados pela rotina e pelos trabalhos diários.

Evidentemente que com a popularização do carnaval, este deixou de restringir-se apenas às grandes cidades, passando, desta maneira, a fazer parte das manifestações de urbes “interioranas”, como o caso de Bragança.

4. A Criação do Bloco “Urubu Cheiroso”

O bloco “Urubu Cheiroso” surgiu no carnaval de Bragança em 1992, idealizado por um grupo de alunos da Universidade Federal do Pará (UFPA), que, insatisfeitos com as condições de mau cheiro vindo de um matadouro de gado localizado em frente à instituição e com a presença constante de urubus que aquilo engendrava no entorno do Campus, saíram às ruas para se divertir e também para protestar, em fevereiro daquele ano. Passearam pelas vias do Bairro da Aldeia, atraindo moradores arrabaldes (que também se sentiam incomodados devido ao odor diário) a participar do cortejo.

Desta feita, a fim de compreender o processo que levou ao surgimento do bloco em análise, mantivemos contatos com pessoas que, desde o início, estiveram envolvidas em seu processo de surgimento. Um destes foi o Senhor Reginaldo, que atualmente é residente em Bragança, no Bairro da Aldeia. Quando perguntado sobre as razões à criação do bloco, o depoente respondeu que:

O Urubu Cheiroso foi criado após uma briga política na universidade, por questões do matadouro municipal, que funcionava hoje onde é a biblioteca, e a questão também da higienização...começou com essa questão...política mesmo...aí o que aconteceu, o matadouro fedia, 4 horas da tarde ninguém estudava, o fedor era insuportável...fizemos o seguinte, vamos pro carnaval, vamos fundar o Urubu Cheiroso, porque o Urubu Cheiroso, porque era o Urubu, aí como ironia a gente colocou Urubu Cheiroso porque era um fedor insuportável estudar ali no campus...Ciências 90, Letras 92 e alguns remanescentes da primeira turma de Pedagogia, História e Matemática do campus 1988. Mais o Urubu foi fundado em fevereiro de 1992 (Entrevista com Reginaldo, 25 de novembro de 2013).

Foi possível notar, pelas reminiscências do entrevistado, que o bloco surgiu em razão de disputas políticas no interior da UFPA, pois era recorrente críticas de partes dos discentes insatisfeitos com a administração do então coordenador do Campus, Miguel Ramos. Os estudantes, descontentes, saíram às ruas no período de carnaval, uma vez que esse era o momento oportuno para transgredir a ordem estabelecida e fazer críticas ao poder estabelecido no interior da instituição. Por envolver muitas pessoas e grande mobilização social, os alunos se apropriaram do momento de “diversão” e

“desordem” para criarem um bloco que reunia brincadeira e também “protesto”, de modo que tentassem despertar a atenção da sociedade bragantina e do poder público a respeito do problema em frente à universidade.

Outro informante, o Senhor Josinaldo Reis, atual organizador e também brincante do “Urubu Cheiroso”, reafirmou os argumentos de Reginaldo, contando-nos que o bloco existe há vinte anos, e teve sua origem numa miríade de folia e “protesto”, posto que quando o matadouro municipal estava ativo, o mau cheiro e os pousos de urubus eram constantes no local fétido. Em meio a essa situação adversa um grupo de estudantes resolveu transformar aquela situação incomoda em protesto, e foi em razão disso que o bloco despontou pela primeira vez às ruas.

Formado inicialmente por universitários, o “Urubu” passeou pelos logradouros da cidade, levando conhecimento a todos, que lhes observavam, sobre a situação. O grupo rapidamente recebeu participação de outros sujeitos moradores do Bairro da Aldeia, que também se sentiam incomodados com a conjuntura.

Outro contribuinte, o Senhor Adalberto Ribeiro Ferreira, também fundador e participante do bloco, narrou o surgimento do grupo de maneira semelhante a Reginaldo:

O Urubu nasce com intenção de “protesto”, era também uma forma de juntar o útil ao agradável como o pessoal era ‘farrista’⁷ a ideia era chamar a atenção da sociedade com o bloco com a diversão, colocávamos o bloco na rua, e quem quisesse vinha atrás [...] O bloco foi a forma dos estudantes se posicionarem sobre a questão da poluição, vivíamos em uma briga constante por causa do matadouro e do lixo na orla (Entrevista com o Senhor Adalberto Ribeiro Ferreira, 16 de outubro de 2013).

O Nome do bloco “Urubu Cheiroso”, segundo o entrevistado, foi uma forma de propiciar visibilidade à comunidade e ao poder público sobre o problema ambiental; pois, o odor de fezes e restos de carcaças de bovinos abatidos que ficavam expostas incomodavam os estudantes e os transeuntes. Assim sendo, devido a numerosidade de urubus nos arredores da UFPA, por ironia, o bloco fora “batizado” com este nome.

Atualmente o “Urubu” tem grande aceitação da sociedade bragantina, sendo, portanto, diferenciado por ainda utilizar marchinhas em conjunto com os modernos aparelhos sonoros.

⁷ Pessoa que participa com muita frequência de festas.

De sua fundação aos dias atuais houveram mudanças em suas representações sociais, uma vez que, atualmente, ao que parece, deixou de haver o caráter de “protesto” político como ocorrera no início de sua fundação, passando, no presente, a ser atração ao carnaval bragantino, sendo, desta feita, mais uma maneira de diversão e expressão de liberdade, do que propriamente um meio de “protestação” política.

Segundo o depoente Reginaldo, durante muitos anos o bloco serviu de “caixinha”⁸ para formaturas dos universitários, a saber, as turmas que estivessem em ano a se concluir a graduação tornavam-se responsáveis pelo bloco, aproveitando o momento para angariar recursos a esse fim, uma vez que se vendia na festa a cerveja, a cachaça, o cajuauçu e alimentos aos foliões.

O bloco, após sua criação, teve pausas e sequências, como explicado por Reginaldo: “aí em 97 ele se acabou...aí em 98 ele começou novamente e em 99 parou novamente..., quando foi em 2001 ele voltou novamente”⁹. Segundo Josinaldo Reis, em 2004, um grupo de amigos ex-universitários, foliões do “Urubu” e de outros blocos da cidade, resolveram transformá-lo em um bloco de fantasias puxado por uma charanga. A charanga é a banda “Cantídio Gouveia”, conhecida por “Furiosa”.¹⁰ A partir de então passou a ser frequente saírem pelas ruas de Bragança pessoas fantasiadas de turma do Chaves;¹¹ de Escolinha do Professor Raimundo;¹² de heróis de TV e dos quadrinhos;¹³ princesas, anjinhos, piratas e outras tantas que enfeitam Bragança no período de carnaval.

⁸ Montante de dinheiro arrolado pelos estudantes universitários a fim de cobrir os gastos com os recursos à formatura.

⁹ Idem.

¹⁰ Conhecida como “Cantídio Gouvêia”, é um grupo musical bragantino. Tem mais de 60 anos de fundação e costuma se apresenta em festividades tradicionais em Bragança, como o Natal e o Festival de São Benedito. Informação retirada de <<http://g1.globo.com/pa/para/noticias/2013>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

¹¹ Seriado da década de 1970, escrito e dirigido por Roberto Gómez Bolaños. Inicialmente fez sucesso na Televisa (Rede de TV mexicana), e posteriormente difundiu-se pelo mundo, chegando ao Brasil na década de 1980, transmitido pela Rede SBT.

¹² Quadro cômico comandado pelo humorista Chico Anysio, apresentado na Rede Globo, entre as décadas de 1990 e o início dos anos 2000.

¹³ Os heróis identificados são os mais variados como: os “*Power Rangers*”, o “Homem-Aranha”, o “*Wolverine*”, “*Superman*” e outros.



Figura 1: Banda “Cantídio Gouvêia” tocando no “Urubu Cheiroso”, pesquisa de campo, fevereiro de 2017.

Sobre as fantasias utilizadas pelos brincantes é importante ressaltar que, antes do chamado resgate¹⁴ do bloco nos anos 2000, fantasias também eram utilizadas, embora em menor escala, em comparação ao que ocorre no presente. Em função disto, é possível argumentar que a inserção de fantasias em maior quantidade decorre, sobretudo, em razão da popularização do bloco em Bragança, processo que se intensificou a partir de seu “resgate”, na década passada.

Os dados indicam que o “Urubu Cheiroso” se tornou mais conhecido do público a partir dos anos 2000. Algumas reflexões podem ser feitas para fundamentar este pressuposto, a saber: a) o crescimento no número de estudantes universitários em Bragança, em razão da criação de novos cursos no Campus da Universidade Federal do Pará;¹⁵ b) maior divulgação pelas redes sociais *facebook*, *e-mail* e *WhatsApp*, o que facilita o contato e estimula a vinda de pessoas de outras cidades a participarem do ritual; e c) o crescimento demográfico e urbano de Bragança, aspecto este que permite maior agregado de pessoas à festa.

5. O “Urubu Cheiroso” nas ruas de Bragança

¹⁴ Continuidade da valorização do bloco, após a saída de seus fundadores da universidade.

¹⁵ Atualmente o Campus Universitário da UFPA, sediado em Bragança, consta com os seguintes cursos de graduação: Licenciatura em História, em Matemática, em Ciências Naturais, em Biologia, em Letras Língua Inglesa e Portuguesa, em Pedagogia e o Bacharel em Engenharia de Pesca. Além dos Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu como Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) e o Mestrado/Doutorado em Biologia Ambiental (PPBA).

O ponto de encontro entre os foliões do “Urubu” é a Praça da Aldeia, às proximidades da UFPA. A concentração começa a partir das duas horas da tarde, quando os primeiros brincantes se alojam na localidade. Comumente os primeiros a chegar são os organizadores do bloco. No decorrer da tarde outras pessoas aglomeram-se, paulatinamente. A maioria vislumbra-se fantasiada das mais variadas personagens, a saber: os membros da Turma do Chaves (*Kiko, Seu Madruga, Chiquinha, Nhonho e Dona Florinda*); os super heróis dos desenhos animados norte-americanos como *Homem-Aranha, Mulher-Gato e Capitão-América*, por exemplo.

Além das personagens cinematográficas internacionais, também há espaços às personagens da cultura brasileira tais como: o Lampião¹⁶ e sua companheira Maria Bonita¹⁷, o músico Raul Seixas,¹⁸ os indígenas (com suas flechas, bijuterias e pinturas) e os camponeses amazônicos, com suas calças compridas e seus chapéus de palhas.

E obviamente outras fantasias peculiares do carnaval brasileiro compõe o todo da festa, por exemplo, os médicos, os advogados, as enfermeiras, os prisioneiros, os delegados, os policiais, os militares das forças armadas, os cantores, os estudantes, os jogadores de futebol, etc. Personagens que, na vida real, mantêm funções diferente no organismo social, porém no carnaval formam uma complexidade que se encontra e consequentemente movimenta a festa.

A escolha da fantasia é espontânea, cada folião usa a criatividade e investe na confecção das roupas, maquiagem e performance para aproximar ao máximo o perfil dos personagens do cinema, das novelas, dos desenhos animados e até de figuras do folclore bragantino.¹⁹

É importante mencionar que pessoas não fantasiadas também compõem a agitação do bloco. Elas embrenham-se no todo, juntam-se aos fantasiados, participando, da mesma maneira, da “desordem” social sazonal.

Além dos brincantes muitos vendedores ambulantes alojam-se ao redor da praça da Aldeia, aproveitando o momento festivo para vender churrascos, bombons, cerveja e cajuacu. Este último é uma bebida composta da mistura de suco de caju (fruta) com cachaça, sendo, pois, o destilado predileto de muitos brincantes nesse período. Sobre a

¹⁶ Virgulino Ferreira da Silva, conhecido *cangaceiro* nordestino dos primeiros anos do século XX.

¹⁷ Esposa de Lampião.

¹⁸ Cantor e compositor brasileiro, um dos maiores nomes do *Rock* nacional.

¹⁹ Informação retirada de <www.bragafest.com/index2.php?pg=noticia&id=3069>. Acesso em: 13 jun. 2017.

presença de vendedores às adjacências do evento se nota que o carnaval, para muitas pessoas, é o momento propício para elas angariarem ganhos econômicos a se acrescentar à sobrevivência de suas famílias. No entanto, é relevante mencionar que o fato destes ambulantes estarem na labuta no momento festivo não significa que eles não participem da festa, ao contrário, suas interações com os brincantes e a importância das bebidas permitem denotar estes como parte da “massa” em movimento, uma vez que eles acompanham as marchas do bloco pelas ruas, e assim abastecem àqueles que, além das brincadeiras, almejam se ‘embriagar’.

Pois bem, entre as duas e as seis da tarde as pessoas brincam de modo concentrado na praça da Aldeia, nessas horas adultos e crianças pulam, cantam e dançam nas proximidades do “Urubu”, um boneco de papelão: símbolo do bloco. Josinaldo Reis, organizador e locutor do evento, convoca pelo microfone, durante toda a tarde, mais integrantes para comporem à festa que ocorre.



Figura 2: Brincantes acompanham a saída do “Urubu Cheiroso” da Praia da Aldeia. Pesquisa de campo, fevereiro de 2017.

Às seis horas da tarde a praça encontra-se praticamente tomada por brincantes de diferentes classes sociais, vindos de distintos lugares. Nesta hora, o “Urubu” e as pessoas começam a ser concentrar na rua Leandro Ribeiro com o fim de se deslocarem a outro ponto da cidade. O “Urubu” vai à frente, conduzido por um carro artesanal feito pelos próprios integrantes. Ele é posicionado no logradouro enquanto atrás as pessoas aglomeram-se aos sons da banda fanfarra que circunscreve o boneco, e dos aparelhos automotivos dos carros que se concentram no meio do pessoal. Em alguns locais da

fileira que se configura, os aparelhos formam um “monteado” uníssono, sendo, pois, impossível distinguir as letras das músicas em áudio.

Paulatinamente as pessoas concentram-se e formam uma grande fileira, como uma procissão profana. Após alguns minutos de espera o “Urubu” começa seu deslocamento pela rua Leandro Ribeiro. Seu objetivo é chegar à orla da cidade que fica a aproximadamente 1,5 km da praça da Aldeia. Passado a rua Leandro Ribeiro, a fileira dobra à Travessa Antônio Pedro Coelho em direção à rua principal de Bragança. Durante a caminhada as brincadeiras são frequentes. Outras pessoas que, inicialmente não estavam na praça, agregam-se e, desta maneira, aumentam o corpo da massa.

Pois bem, o grupo chega na rua principal da cidade (a Avenida Nazeazeno Ferreira) caminha cerca de 500 metros e depois desce à Travessa Vigário Mota, em direção à orla. A orla, aliás, neste momento, está composta por foliões que divertem-se ouvindo as músicas carnavalescas, geralmente cantadas por bandas paraenses em palcos instalados especialmente às festas. Essas programações são planejadas pela Prefeitura Municipal, que além de financiar o evento, também é responsável pela manutenção da segurança aos brincantes.

Quando a multidão chegar no local almejado, o “Urubu” emprenha-se no meio dos foliões, mas não por muito tempo, pois o boneco é logo retirado a fim que seja evitado danos em sua estrutura. Além do mais, ele teve ser utilizado no próximo carnaval. Os participantes da “procissão profana” se imiscuem com os outros brincantes, situados na orla.

Sobre o “Urubu Cheiroso” considera-se que este é parte do carnaval local, destaca-se por preservar aspectos tradicionais da festa como as marchinhas e as músicas ao som dos instrumentos “sopro, como trompete, saxofone e trombone, para compor um repertório tradicional carimbó, xote bragantino e retumbão, além de samba e brega”.²⁰ Além disso, seu clima de segurança permite que não apenas adultos, mas crianças também participem da festa. A presença dos pequenos é um indicativo que os participantes se preocupam em transmitir às futuras gerações a tradição do “Urubu”²¹.

²⁰ Informação retirada de <<http://g1.globo.com/pa>>. Acesso em: 13 de jun. 2017.

²¹ Dias antes do desfile oficial do “Urubu”, os organizadores convocam os pais a levarem as crianças para a participarem do “Urubuzinho Cheiroso”, uma “festinha” dedicada ao público infantil.



Figura 3: crianças brincam com seus responsáveis na Praça da Aldeia, pesquisa de campo, fevereiro de 2017.

Todavia, ao mesmo tempo em que pode ser pensado como parte do carnaval, ele tem suas peculiaridades. Primeiramente, porque é um dos blocos mais antigos entre todos os participantes do carnaval bragantino e seus integrantes buscam conservar seus movimentos iniciais. Em segundo, ele busca manter certa identidade com a UFPA, pois foi de onde emergira, daí sua concentração nas proximidades da instituição. Além disso, o bloco agrega sujeitos das camadas sociais (baixa, média e alta), destacando-se pelas heterogeneidades socioeconômicas de seus participantes, o que, conseqüentemente, torna o número de seus participantes maior em relação aos outros blocos da cidade como o “Super-taça”, o “Alcoiris”, “As Quase Virgens”, “As Putas da Aldeia” e outros.

Por desfilarem um dia antes do carnaval oficial e em horário diferente do que ocorre com os blocos de Bragança, é possível se notar que os integrantes do “Urubu” buscam manter uma identidade diferenciada em relação aos outros blocos de rua, vinculando o seu movimento presente aos percursos no espaço desde os seus primeiros desfiles. Existem outras questões que também permitem refletir sobre os movimentos do bloco, a saber: a) o “Urubu” agrega um número acentuado de crianças e adolescentes, que juntamente com adultos (seus pais, parentes e/ou amigos), compõem seu organismo, e justamente por isto, seu desfile ocorre um dia antes da “desordem geral”, e também em horário acessível ao público mais jovens, geralmente entre as duas da tarde e às nove da noite; b) o “Urubu” constitui sua própria programação, e, antes do desfile oficial, seus organizadores realizam festividades em ambientes fechados como

salões e quintais de casas particulares, onde são vendidos bebidas e alimentos aos dançantes. Os montantes adquiridos auxiliam nos custeios dos gastos no dia do desfile oficial; c) os organizadores do “Urubu” buscam manter e valorizar a identidade histórica do bloco, desde sua criação, no início da década de 1990.

Antes um simples cortejo com um grupo pequeno de estudantes e moradores da Aldeia, hoje tornou-se uma das principais atrações do carnaval oficial de Bragança. O bloco foi recebendo adeptos no decorrer do tempo, ganhando notoriedade e aderentes no âmbito da sociedade.

6. Conclusão

Portanto, concluo que as motivações da criação do bloco foram questões políticas, pois haviam descontentamentos por parte da classe estudantil e também de professores com os desleixes da coordenação da UFPA em relação ao matadouro municipal que poluía o meio ambiente. Assim sendo, aproveitando o momento festivo de carnaval, estudantes saíram pelas ruas de Bragança protestando de maneira jocosa contra o poder instituído. Entende-se que, inicialmente, não eram suas intenções transformar o “Urubu Cheiroso” numa manifestação cultural recorrente, mas aproveitar o momento de transgressão da ordem para exporem suas fozes “silenciadas” pelo poder. Com o curso do tempo, devido a periodicidade da manifestação, o movimento tornou-se parte da cultura carnavalesca de Bragança, é isso só foi possível pelo fato de haver pessoas interessadas em preservá-lo como patrimônio cultural, pois todos os anos os sujeitos se organizam e planejam a passagem do “Urubu” pelas ruas de Bragança.

7. Referências

- BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. In: *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, III Série, Vol. 06. 2005, pp. 313-338.
- ALMEIDA, Paulo Cresciulo. *Um samba de várias notas: Estado, imprensa e carnaval no Rio de Janeiro (1932-1935)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2013.
- DELGADO, Anna Karenina Chaves. O carnaval como elemento identitário e atrativo turístico. In: *Revista Delgado/Cultur/Ano 6 – Nº 04 Out*, 2012.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. In: Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERNANDES, Ricardo Oriá. Um lugar na escola para história local. In: *Ensino em Revista*, vol. 4, nº. 1, jan./dez. 1995.

MARALES, Lorena Lilian Monsalve. Patrimônio cultural imaterial y su salvaguardia: apuntes sobre su tratamiento en América Latina. In: *Boletín Gestión Cultural*, nº 17: Gestión del Patrimonio Inmaterial, Septiembre de 2008. Encontre em <www.gestioncultural.org/boletin/2008>. Acesso em: 02 de jun. 2017.

PALMEIRA, Juliana Dias. Bloco misto: a presença das mulheres no carnaval de rua do Recife/PE na década de vinte do século XX. In: *Dimensões*, vol. 33, 2014, pp. 452-464.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. O museu no ensino de História: buscando novas possibilidades. In: *Revista Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, vol. 23, n. 2, jul./dez. 2010.

SANTOS, Luiz Gustavo de Lacerda. O carnaval popular no tempo e na atualidade. *IX Seminários dos alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da Puc-Rio (POSCOM)*. Encontrado em www.poscom.puc.rio. Acesso: 02 de jun. 2017.

SOUZA, Thaís Queirós Alves de. *Carnaval de Salvador: estudo de caso do Bloco Crocodilo*. In: Monografia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito ao título de Bacharel em Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília (UNICEUB), 2006.

Recebido em: 12/10/2017.

Aprovado em: 15/11/2017.